



MARIA

Marcelo José Oliveira¹

*Introdução*²

Madri foi a cidade da Espanha que me instalei por período de três meses, entre dezembro a março de 2009/2010 para acessar e conviver com os dados que apresento neste trabalho. No coração da Espanha, Madri é uma metrópole de milhões³ de habitantes e considerada uma das principais “portas de entrada” de turistas e imigrantes (legais e ilegais) na Europa. A partir das duas últimas décadas o fluxo da migração internacional na Espanha vem invertendo a posição histórica de país que tradicionalmente exporta migrantes. O país vem recebendo nos últimos vinte anos um número de trabalhadores estrangeiros sob influência dos processos de globalização e de políticas do Estado espanhol que interfere de maneira significativa no cotidiano de várias regiões. Sobretudo, no modo como o povo e os “instrumentos de formação de opinião” vêm “percebendo” esta população estrangeira.⁴

O título “Maria”⁵ se deve a ocorrência de alguns episódios na experiência do percurso de campo, justamente no trânsito da ponte aérea Brasil-Espanha, que a princípio pareciam ser

¹ Doutor em Antropologia Social. Professor Adjunto na Universidade Federal de Viçosa, junto ao Depto. de Ciências Sociais. e-mail: marcelooliveira@ufv.br.

² O presente texto é fruto da experiência de três meses de estágio pós-doutoral na Espanha, iniciado em dezembro de 2009, com apoio CAPES no financiamento do estágio, e FAPEMIG para apresentação em congresso. Um dos objetivos específicos que consideramos chave neste empreendimento foi o de perceber, paralelamente ao levantamento bibliográfico, a evidência empírica do fenômeno da migração internacional na direção Brasil-Espanha, levando em consideração seus aspectos de gênero. O trabalho de pesquisa contou com a orientação e supervisão da Profa. Dra. Carmen S. Rial, e co-orientação da Profa. Dra. Miriam P. Grossi; ambas titulares no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (Brasil). E, na Espanha, sob orientação do Prof. Dr. Francisco Sacristan Romero. Expresso meu agradecimento às pessoas e Instituições supra mencionadas, por me concederem todo o apoio, em especial as professoras Carmen e Miriam, por dedicarem-se ao projeto e à minha estadia em Madri à qualquer tempo, sobre quaisquer assuntos, possibilitando-me a todo momento precisas dicas e orientações de pesquisa. Também à Universidade Federal de Viçosa (MG), em especial ao Departamento de Ciências Sociais, pelo apoio ao projeto.

³ Segundo o *Instituto Nacional de Estadística* (INE), Madri possui população de 6.386.932 habitante (dado estimado em 01/01/2009), acessado no site <http://www.ine.es/jaxi/tabla.do>, em 29/01/2010.

⁴ OLMOS, F. C. y (ed.). *La inmigración sale a la calle: comunicación y discursos políticos sobre el fenomenomigratório*. Barcelona: Icaria Editorial, 2008.

ROCA, J. G.; LOCOMBA, J. (eds.). *La inmigración en la sociedad española: una radiografía multidisciplinar*. Barcelona: edicions bellaterra, 2008.

⁵ O nome “Maria” foi aqui adotado ficticiamente, preservando o anonimato de minha principal interlocutora, numa alusão a personagem da “doméstica trabalhadeira”, que comumente presta seus qualificados conhecimentos de “serviços da casa” como atividade profissional e fonte de renda para se tornar a “profissional doméstica”. A expressão “maria” neste sentido é popularmente utilizada no Brasil, de maneira caricata, como sinônimo da personagem oriunda de classes populares, com pouca instrução escolar, que tem no mínimo uma “patroa”, e se dedica aos serviços braçais domésticos com afinco, e ainda com dose de bom humor, cantando. Mesmo que o canto algumas vezes seja mensagem



ocorrências de acaso. Entretanto, pesquisando a literatura especializada em migrações internacionais, verificamos que “maria” remete a uma personagem transnacional de algumas décadas: a “empregada doméstica” latino-americana, de forte traço afetivo e laboral de gênero, que, dentre a população de 200 milhões de migrantes estrangeiros no mundo, sendo que a metade é de mulheres, compõe o grosso das estatísticas relacionadas as atividades de trabalho que as trabalhadoras estrangeiras exercem, mantendo o vínculo parental de principal provedora de família no seu país de origem.⁶ Porém, só recentemente que a “maria” (brasileira) vem seguindo os passos de *la nana* (latino-americanas dominicanas, chilenas, peruanas, colombianas, nicaragüenses etc.), fazendo carreira na ponte aérea internacional, engrossando os dados sobre emigrantes brasileiros em direção a Espanha, protagonizando peculiaridades que ocorrem num misto de risco de “aventura” global e traço doméstico de “mãe”, “dona de casa” e de principal “provedora de família”. Referimo-nos à trabalhadora doméstica de traço mediterrâneo relacionado à cultura do “lar” na sociedade brasileira: educada na ideologia da casa cosmologicamente concebida como o mundo “sagrado de dentro”, oposto ao “profano de fora”, da rua, e que exige habilidades morais e cuidados técnicos de asseio que represente e preserve a moralidade e hierarquia que organiza o lar.⁷

A “maria” que nos referimos é uma personagem pertence aos segmentos sociais de baixa renda, de pouca instrução escolar, que pode ser “mãe-solteira” ou casada (geralmente com um trabalhador braçal), separada ou solteira sem filhos, e que exerce a profissão de “doméstica”. Algumas delas, recentemente, sustentam o sonho de ir para Espanha “fazer a vida”: ganhar o suficiente para juntar economias, mandar remessas para a família, construir uma casa no Brasil, voltar e montar seu próprio negócio, como um pequeno salão de beleza ou um comércio de costura, vendas de roupas e bijuterias ou outro pequeno negócio; ainda que a convivência no país de destino não seja nada fácil e altere alguns de seus planos. Mas, como havia me dito Maria num vôo de retorno ao Brasil:

Cansei de trabalhar pra pobre! Pra ganhar 400, 450 reais. Aqui [na Espanha] trabalho pra duas patroas: tiro 1800 euros! Trabalho! Mas, tiro! Uma delas já me prometeu até os ‘papéis’ para não ir embora!⁸

irônica à sua patroa; estereótipo comum nas sátiras e programas de humor na televisão brasileira, contrastando relações de classe social entre ricos e pobres num mesmo espaço doméstico. Uma expressão também corriqueira na cultura popular brasileira, para se referir a uma mulher investida com os serviços da casa, e que não seja “empregada doméstica”, é “baixou’ a Maria” ou “encarnou’ a Maria”.

⁶ OSO CASAS, L. Migración, género y hogares transnacionales. In: ROCA, J. G.; LOCOMBA, J. (eds.). La inmigración en la sociedad española: una radiografía multidisciplinar. Barcelona: edicions bellaterra, 2008.

⁷ Sobre cultura e moral mediterrâneas ver Bourdieu (2005[1998]); Peristiany & Pitt-Rivers (1992); Oliveira (2008), Grossi (2004);

⁸ Boa parte destas mulheres, imigrantes estrangeiras, que exercem trabalho de domésticas não possuem os documentos legais (“papéis”) concedidos pelo governo espanhol, e residem no país na condição ilegal de “indocumentada”.



Esta afirmação foi dita com todas as letras por uma pessoa que voltava ao Brasil com lágrimas nos olhos pela saudade que sentia dos seus e pela dúvida. Dúvida se deveria juntar-se definitivamente ao marido e filho, que já haviam retornado quatro meses antes em função da recessão espanhola, ou se deveria chegar ao Brasil, despedir-se do marido, e com o filho retornar à Espanha.

O Contexto

Várias transformações sociais e culturais vêm ocorrendo na Espanha em função das condições de imigração recente, sinalizando mudanças estruturais. As modificações normativas, de Lei, desde a constituição de 1978, principalmente nos anos oitenta sobre direitos de pessoas e garantias legais, interferem nas as condições da população economicamente ativa e de seus segmentos no mercado de trabalho, orientadas pela concepção de “Estado de Bem Estar Social”, levando esta população a outros meandros de trabalho qualificado pela possibilidade de formação escolar e de nível superior dos segmentos mais jovens, deixando um déficit de mão de obra menos qualificada, abrindo espaço para as políticas de absorção de mão de obra estrangeira não especializada. Por exemplo, se não é um trabalhador estrangeiro a mais em postos de trabalho não muito almeçados pelos espanhóis, pode ser uma trabalhadora doméstica estrangeira a mais liberando mais uma “patroa” espanhola para assumir posto de trabalho no mercado.⁹ As cifras e dados sobre a migração internacional apontam a ocorrência do fenômeno e as pistas que ajudam a localizar Maria em escala global, sob influência histórica, social, cultural e econômica que impulsionam à recente migração de brasileiros em direção à Espanha. O que o governo não contava era com sua mais recente crise econômica, reduzindo drasticamente a oferta de empregos.¹⁰ Crise que afeta um Estado com declarada política de regras de legalização de trabalhadores estrangeiros.

Neste cenário se inserem as “marias” e as *nanas*: trabalhadoras domésticas em ascensão no contexto de imigração internacional na Espanha, com seus postos de trabalho ainda não afetados pela recessão. Estas jovens mulheres partem de seu país, sozinhas ou acompanhadas de maridos e filhos, com um projeto de trabalho que reafirma laços familiares. Partem crendo no contato pré-

⁹ CACHÓN RODRÍGUEZ, L., En la ‘España inmigrante’: entre la fragilidad de los inmigrantes y las políticas de integración”, en **Papeles del CEIC**, vol. 2009/1, nº 45, CEIC (Centro de Estudios sobre la Identidad Colectiva), Universidad del País Vasco, <http://www.identidadcolectiva.es/pdf/45.pdf> (acessado em 04/02/2010).

¹⁰ Os dados oficiais e extra-oficiais mais recentes do INE, e os divulgados pela mídia, indicam em torno de 4 milhões de desempregados no país, numa tendência crescente; dados que representam 7% da população economicamente ativa na Espanha, e que tem estimulado a forte pressão de vários setores (políticos, empresariais, de mídia e sociais) sobre o governo do presidente Zapatero.



estabelecido, geralmente pelo vínculo familiar, com pessoas que já estão no país de destino para trabalhar nos setores destinados a esta mão de obra estrangeira.¹¹ Duas mulheres por mim entrevistadas, uma brasileira e uma nicaragüense, refletem parte desta realidade. A brasileira é separada do primeiro marido e vivia em Madri com seu novo companheiro, também brasileiro. Viajaram a convite do irmão de seu companheiro, que esta na Espanha com a mulher e filha há mais de quatro anos, também trabalhando na construção civil e a esposa em serviços domésticos. Os filhos da primeira relação estão no Brasil, são adolescentes e vivem entre a casa do pai e da avó materna. O casal estava em Madri há três anos, juntos com o filho desta segunda relação. Um garoto de sete anos, que logo conseguiram matricular numa escola no bairro onde residiam. A nicaragüense é “mãe-solteira” de duas crianças, como a mesma afirmou. Seus filhos ficaram na Nicarágua aos cuidados da avó, de sua mãe. Tinha recém chegado, há um mês, a convite insistente da irmã solteira, que esta na cidade há quatro anos e meio e trabalha para três patroas. Por intermédio da irmã já está trabalhando para uma “patroa”. A vida difícil na Nicarágua, no que diz respeito a trabalho e sustento dos filhos, foi um dos argumentos por ela utilizado para justificar a viagem. Ambas, de diferentes origens e nacionalidades, mas de trajetórias semelhantes: oriundas de classes de baixo poder aquisitivo, relatam uma vida dura e de dificuldades em seu país. A decisão pela viagem foi muito pensada e postergada, e os riscos ponderados. Mas as informações animadoras e remessas chegavam para a família, vindas de parentes no estrangeiro. Juntando mais algumas economias dos últimos salários, com o sonho e a vontade de mudar a vida, de “sair da miséria”, decidem. Os acordos com quem deixar os filhos, a promessa de envio de dinheiro, de juntar o suficiente e voltar são ensaiadas e decididas com os amigos e parentes de convívio íntimo e privado. Sempre na espera do apoio destes últimos, que logo se fazem ouvir. Afinal: é a Europa.

Um detalhe é o de que estamos nos referindo a uma personagem relacionada com serviços profissionais domésticos que não é filha da classe média. Nossa personagem aqui não é aquela jovem que, desde os anos setenta, no caso brasileiro, parte com o sonho da aventura de uma formação no exterior (EUA ou Europa), e para se sustentar e custear os estudos exerce funções temporárias em serviços de faxina, entre os de *babysitter* e garçone. Estamos tratando especificamente da “empregada doméstica” brasileira que parte em viagem para o exterior com o sonho de ser bem remunerada pela reafirmação da profissão, estabelecer um cotidiano que lhe permita economizar e construir um patrimônio em sua terra natal, e reafirmar sua condição de

¹¹ PÉREZ, V. G et al. España, encrucijada de la migración internacional. La aportación de las mujeres. In: ROCA, J. G. LOCOMBA, J. (eds.). La inmigración en la sociedad española: una radiografía multidisciplinar. Barcelona: edicions bellaterra, 2008.



“mulher provedora de família”, protagonista e não coadjuvante. Agora construindo e cultivando um “lar transnacional”, de reprodução afetiva social da família em fluxo e em trânsito, noutra versão, de dimensões globais, materializado em trabalho possível e remessas, na mesma lógica do papel desempenhado pelas latino-americanas não brasileiras que vivem este trânsito.¹² Ambição que se faz em meio a uma rede social de conhecimento e informações sobre uma realidade concreta: a de que mulheres latino-americanas são muito bem pagas em trabalhos domésticos na Europa, e há postos de trabalho, sobretudo nos países de tradição cultural comum, como Espanha, Portugal e Itália. Nestes países supomos que estas relações de trabalho percorrem outras peculiaridades, sendo uma delas a de perspectiva de uma estabilidade de relação de confiança, num contexto maior de inclusão cultural, entre patroa e empregada, calcada na lógica latina (mediterrânea) afetiva de “patrono-cliente”.¹³

O empreendimento envolve alguns riscos. Da entrada no país, no aeroporto de Barajas, contar somente com a checagem do passaporte e exame visual aleatório dos policiais espanhóis nos guichês para “outras nacionalidades” é um risco caro. Permanecer sem o visto no país prevê estadia de no máximo três meses, com apresentação de documentos que comprovem reserva de hotel, bilhete aéreo de retorno, seguro saúde para o tempo de permanência, cartão de crédito internacional e quantia em dinheiro que corresponda a setenta euros diários pelo tempo que permanecerá. Para a polícia de imigração controlar estas exigências na prática torna-se difícil, em função de milhares de pessoas que passam entram diariamente por este aeroporto. Assim, a entrada no país com o fim de se estabelecer como trabalhador estrangeiro implica numa operação complexa, e requer astúcia, mesmo que seja uma “astúcia suspeita”, como a de adquirir e portar documentos falsos, como cartas de convite de trabalho ou de documentos que atestem a condição de trabalhador estrangeiro “devidamente” regulamentado. Se conseguir vencer no aeroporto estes primeiros guichês de apresentação de documentos, o que pode acontecer é ser parada pelos policiais da imigração num setor mais à frente, um pouco antes do saguão da porta de saída do aeroporto. Mas, os policiais deste último setor da imigração também não dão conta desta multidão de pessoas que passam diariamente a sua frente. Dos estrangeiros “sorteados” para a revista, o máximo que pode acontecer é conferirem novamente o passaporte, sem perguntas precisas sobre documentos, e solicitarem a

¹² Sobre esta lógica de remessas ver Oso Casas (2008, p. 567)

¹³ Sobre relação “patrono-cliente” na cultura mediterrânea ver Wolf (2003) e Pitt-Rivers (1971)



retirada de todos os pertences da bagagem para cheirarem e apalparem cada peça de roupas, objetos etc.¹⁴

Como a maioria dos imigrantes latino-americanos, as trabalhadoras latino-americanas na Espanha empreendem o desafio desta viagem sem data prevista para retorno, e a partir do apoio da rede familiar e de amigos, na origem e no destino. Algumas delas se utilizam dos serviços de redes organizadas ilegais, especializadas na confecção de “papéis” falsos, para que a entrada no país seja “facilitada”, o que muitas vezes não ocorre, pois há casos de prisões. Outras vezes o roteiro de entrada não é pelo aeroporto de Barajas: voam até Lisboa ou Paris, e ‘de lá partem de trem com destino à Espanha.¹⁵

A Incidência Empírica

Meu contato com brasileiras envolvidas em serviços domésticos ocorreu na ponte aérea Brasil-Espanha. Durante o estágio realizei duas entradas na Espanha pelo aeroporto de Barajas, com roteiro Florianópolis-Guarulhos-Madri. No primeiro percurso, embarcando na conexão em

¹⁴ Esta experiência no aeroporto de Barajas, como qualquer outro estrangeiro latino-americano entrando na Espanha, pude vivenciar quando iniciei o estágio: na primeira vez fui instado sobre o que iria fazer no país e quanto tempo ficaria. Respondi e não me pediram nenhum documento formal além do passaporte. Saindo dos guichês, mais adiante, fui “sorteado” pela triagem dos policiais da imigração. Pediram-me que retirasse da bagagem todos os pertences, e literalmente colaram o nariz no interior das malas e em todas as peças de roupas. A Espanha é reconhecidamente uma das portas de entrada de drogas na Europa e este procedimento é praxe com alguns estrangeiros quando “triados” pela polícia de imigração no aeroporto. Em minha segunda entrada, um mês depois, perguntaram somente quanto tempo iria ficar, conferiram o passaporte e me liberaram. Desta vez os policiais da imigração, mais a frente, não me olharam, e nem para dezenas de pessoas que passavam em frente a ampla porta da sala da Imigração, pois estavam ocupados no interior da mesma revistando outras malas. O que pode ocorrer de outra forma: duas outras informantes, mãe e filha, turistas brasileiras em Madri, disseram-me que em sua chegada no mês de fevereiro, um grupo só de mulheres permaneceram duas horas no setor de imigração, sob interrogatório sistemático, alternado, feito por dois policiais, sem esclarecerem os motivos exatos do porque daquela apreensão. Sequer haviam acessado suas bagagens, foram apreendidas logo na saída dos primeiros guichês. Do grupo, após duas horas, somente uma equatoriana foi retida e conduzida a outro setor para fornecer outras explicações.

¹⁵ Estas informações sobre roteiros, grupos organizados que vendem “papéis ilegais” e prisões obtive com uma das entrevistadas. Contou-me sobre o caso de sua cunhada que estava na Espanha trabalhando para uma patroa e precisava ir ao Brasil. Porém, há dois anos na Espanha, ainda não tinha providenciado a regularização de sua situação como trabalhadora estrangeira, e resolveu utilizar um destes serviços ilegais. No retorno a polícia de imigração identificou os papéis falsos. A mesma foi presa durante algumas semanas e deportada. Retornou a Espanha, para junto do Marido e da filha pequena, dois meses depois, novamente com papéis ilegais, mas desta vez entrando pelo roteiro terrestre Lisboa-Espanha. Outras informações sobre este serviço e prisões obtive através de uma colega também em estágio doutoral em Madri. Havia comentado com ela o foco de pesquisa que estava investigando e por curiosidade a mesma resolveu consultar a empregada doméstica da habitação que morava. Uma moça colombiana que estava na Espanha há alguns anos. No dia seguinte minha colega encaminha a seguinte mensagem via e-mail: “Marcelo, conversei com a [fulana], a que faz a faxina aqui em casa. Ela não conhece nenhuma brasileira, mas me contou o sistema de emigração colombiano, a mafia que produz os papeis falsos, a sua chegada em Barajas, o aprisionamento, realmente dramático. Acho que tens muito material a pesquisar.”



Guarulhos numa aeronave da companhia aérea espanhola, fui ao lado de uma mulher que aparentava um pouco mais de uns 50 anos de idade. Magra, de estatura baixa, trajava jeans, uma blusa clara de malha leve e jaleco escuro felpudo. Logo nos cumprimentamos e começamos a conversar. Segundo ela, é do Paraná e ia visitar a filha que está na Espanha há quatro anos com o marido e o filho. Depois de longa conversa, fui saber que é separada do marido há oito anos, e “trabalha para casas de famílias”. A mesma permaneceria quatro meses na Espanha, para acompanhar e cuidar da filha que faria uma cirurgia. A filha trabalha de “empregada doméstica” para uma “patroa”, e seu marido num restaurante. As expressões “trabalhar para casa de família” e “patroa” são comumente utilizadas por esta classe profissional e remetem historicamente a uma condição de classe de origem “humilde” e esboça marcadores de hierarquia social e de cultura, por mais que esta profissão envolva uma relação de intimidade e afeto muito próxima entre “patroa” e empregada.¹⁶ Diante da realidade do contexto espanhol por espaços de trabalho ao imigrante, nada nos impede de supor que esta mãe se dividiria entre os cuidados com a filha convalescente e sua relativa substituição temporária, garantindo o posto de trabalho da moça.

Quando de ida à Madri pela segunda vez, no voo de Florianópolis à Guarulhos sentei ao lado de uma brasileira acompanhada de seu marido italiano. Ambos na faixa dos quarenta anos. O casal estava retornando a Milão. A mulher, de forma extrovertida, logo começou a fazer comentários comigo sobre o voo e o final de suas férias no litoral catarinense. Ele trabalha com “verduras e frutas” e ela para uma “patroa que era professora numa universidade”, afirmou. Todos os anos passam as férias de janeiro na casa de familiares na cidade litorânea de Laguna, mas sua terra natal e de permanência dos pais e irmãos é a cidade de Criciúma. Dez anos atrás resolveu fazer uma viagem turística para encontrar parentes na Itália. Não encontrou nenhum parente, mas conseguiu trabalho e conheceu o atual marido, com quem estava no voo. Chegou na Itália com documentos de dupla-cidadania.¹⁷

Durante o estágio, na oportunidade de meu primeiro retorno ao Brasil para tratar de assuntos profissionais inadiáveis, pude conhecer no voo outra trabalhadora em serviços domésticos, aqui ficticiamente denominada de “Maria”. Embarcamos em Barajas e a mesma também viajava na poltrona ao meu lado. Destes casos na ponte aérea, a história de Maria é paradigmática. Durante dez horas de voo, ao lado de Maria, pude conhecer e dialogar com esta trabalhadora sobre parte de sua história e seu dilema de retorno à terra natal. Maria é uma vaidosa e simpática paranaense, baixa, de

¹⁶ BRITES, J. Afeto e desigualdade: gênero, geração e classe entre empregadas domésticas e seus empregadores. Cad. Pagu, Campinas, n. 29, Dec. 2007.

¹⁷ Sobre emigração de cricumenses para a Itália, ver Assis (2007).



pele clara, aparentando um pouco mais de 40 anos, cabelos crespos longos e escovados, usando óculos de grau, de armação clara e em linhas alongadas, que em nossa conversa intercalava o português com algumas palavras em castelhano. O sotaque era típico de uma paranaense interiorana. Foram mais de seis horas de conversa, que, de minhas anotações, optamos por trazer uma síntese deste relato, um pouco mais extenso, na primeira pessoa, ensaiando uma colagem a partir do que narrou Maria.

A gente morava num bairro muito pobre. A mulher que não conseguia trabalho no comércio ou na facção [oficina de modelagem e corte de peças de tecidos para roupas, em linha industrial de série], ou trabalhava de costureira por conta própria, ou trabalhava de doméstica pros ricos de Maringá. Mas os ricos pagam pouco. Mixaria! Mas o pobre é miserável, mesmo! Aceita qualquer coisa, porque vive num lugar que não circula dinheiro. Carlos trabalhava de técnico nessas coisas de tubulação de refrigeração e de aquecimento. Mas não tem curso, nada! Aprendeu na prática! A gente tava sofrendo muito com a pobreza: sempre dando duro e nunca sobrando dinheiro pra nada. A gente morava os dois juntos e nosso pequeno e não nunca dava pra fazer mais de oitocentos [reais] por mês. Ele nunca trabalhou de fixo [com carteira assinada]. Era sempre com biscate. Só no final é que conseguiu uma coisa fixa, mas era pouco [salário].

Em 2004 o irmão de Carlos, por meio do contato com um amigo, tinha ido com a mulher e com a filhinha pra Espanha. Foram morar num bairro mais longe do centro de Madri. O irmão dele é pedreiro e chegou com trabalho garantido. Lá eles empregam bastante estrangeiro na construção dos prédios. A mulher dele conseguiu emprego rápido, pra uma patroa que era amiga do patrão do irmão do Carlos. A gente sempre recebia notícias deles por telefone. Os meus filhos mais velhos pegavam fotos deles na *internet*, e o Carlos também. Ele tava morando numa 'habitação',¹⁸ que uns quartos eram ocupados por solteiros e outros por casados. Os dois juntos faziam dois mil e quinhentos euros [ao mês]. Mandavam uns trocados pro Brasil e juntavam dinheiro pra comprar uma casa. Mas depois o que aconteceu foi outra coisa: gastavam muito com passeio. Nós recebíamos todas essas notícias lá na minha cidade. O irmão do Carlos telefonava dizendo que havia emprego pra nós. Até que em 2007 decidimos de ir. A gente sabia que tinha outros paranaenses por lá.

Juntamos nossos últimos salários, juntamos mais uns dinheiros e fomos com nosso filho pequeno até Paris, com seiscentos euros no bolso. Em Paris compramos passagens de trem pra a Espanha. Paris porque o irmão de Carlos tinha dito que essa era uma rota que não tinha muito problema. A gente tava com os passaportes e resolvemos fazer assim. Os problemas começaram depois que chegamos: pra encontrar habitação pra morarmos juntos, com o irmão dele. Nossa idéia era uma habitação só pra gente. Um apartamento de três quartos com uma sala e uma cozinha grande. Um senhor peruano que dizia ser amigo do irmão de Carlos disse pra gente que tinha um reservado que era ideal pra gente, num preço bem barato. Adiantamos quinhentos euros. Levou a gente na habitação pela noite, deu a chave e deixou a gente lá. Descobrimos logo que a habitação tava muito ruim: suja, cheio de baratas e com a caldeira e a calefação quebrado. Depois o dono veio cobrar aluguel, água e luz. Explicamos o adiantado pro peruano. O dono disse que fazia tempo que via o peruano. E nem nós nunca mais encontramos ele. Depois de umas duas semanas é que conseguimos encontrar um lugar melhor. E os nossos quinhentos euros nunca mais vimos. Continuamos com a mesma idéia de morar junto. A gente ia fazer como os outros fazem em família: casais parentes na mesma habitação, duas famílias. A gente divide na mesma sala, cozinha, banheiro e área de serviço quando tem. Tem habitação que tem mais de um banheiro. O resto é cada um nos seus quartos. Depois de duas semanas encontramos uma no mesmo bairro.

¹⁸ Uma *habitación*, no sentido espanhol prático da palavra, no setor imobiliário, significa uma dependência (um quarto) numa *vivienda* (moradia em apartamento ou casa) compartilhada por diferentes pessoas, sendo as despesas, de aluguel, luz, água e aquecimento, divididas entre os inquilinos. Dependendo o tamanho da *vivienda*, geralmente apartamentos em prédios ou condomínios residenciais, podem residir mais de duas ou três pessoas de diferentes nacionalidades. E, em muitos casos, habitando famílias nucleares de um filho somente, sendo que o movimento nestes casos é de *viviendas* alojando grupos de duas ou mais famílias nucleares, ligadas por parentesco fraterno, entre irmãos e cunhados. Segundo Maria, o que é muito comum entre os marroquinos no bairro onde morava, bem como o caso dela e do marido.



Depois do problema da habitação, as coisas começaram indo bem. Meu marido encontrou trabalho logo, por meio do irmão, com indicação do patrão dele. E eu consegui trabalho, rápido também. E através de uma patroa consegui outra patroa. Comecei trabalhando pra uma que é mulher de um conhecido do patrão do meu cunhado. Mas não era todo dia. Só três dias da semana. E por meio dessa patroa consegui outro trabalho. Tava com a semana cheia, e mais ainda umas faxinas no sábado, que aparecia através dessas minhas patroas. Em dois meses comecei a fazer uns mil e oitocentos [euros]. Quando que eu ia tirar isso no Brasil, com o meu trabalho?! Tenho dinheiro pra reformar minha casa. E mais pra comprar um carro e abrir um negócio pequeno [no Brasil] se eu quiser. Tava pensando agora numa oficina de costura. Vamos ver... E tenho um pouco mais pra ajudar ainda os meus filhos. De vez em quando eu mandava uns trocados pra eles. O mais velho ta esperando que eu ajude ele a comprar uma moto. Mas faço isso escondido do Carlos, porque ele não gosta. Ele diz que os filhos do primeiro casamento tão grande e precisam trabalhar. Mas eu acho que ele faz isso por ciúmes. Briga comigo. Ele é bom pai pro nosso pequeno.

Carlos tava bem empregado, no mesmo ramo de manutenção e reparo de tubulação. Nós dois juntos estávamos guardando um bom dinheiro. Hoje temos muitos amigos no bairro. Lá tem muito, assim: marroquino, equatoriano, peruano, argentino e paraguaio. Marroquino é o que mais tem no bairro. Temos amigos brasileiros também. Eu tenho uma amiga brasileira que fala que não volta mais não. Se o marido quiser ir, ela vai ficar.

Nós dois [Maria e Carlos] era companheiro pra tudo: se um ia no mercadinho o outro ia junto. Hoje tô aqui, sentada, sozinha. Sentada nesse vôo pro Brasil, com passagem de volta ainda não marcada, sem saber o que vai ser do meu futuro... Faz quatro meses ele [Carlos] voltou pra nossa cidade com o filho. O filho ta com nove anos e apegado no pai. Joga gem uma bola, igual o Carlos. Esse meu pequeno já tava estudando numa escola em Madri e tava indo bem. Meu sonho é ele fazer os estudos na Espanha. Formar numa profissão. Já pensastes? Imagina! Formado aqui com uns bons estudos ele tem trabalho certo e seguro no Brasil. Ele já tava falando o espanhol perfeitamente. É um menino muito inteligente. Ia conseguir um bom trabalho. Chegamos aqui [Madri] um pouco mais pro final de 2006. Mas o ano de 2009 começou difícil pro Carlos. O patrão dele teve que despedir. O irmão dele também perdeu o trabalho. Despediu com muita pena. Mas as coisas ficaram difícil até pro patrão. Pra mim não: continuava com minhas patroas. A mulher do irmão dele também continuou trabalhando. Ele [Carlos] tava desempregado fazia uns meses e tava bem triste. Começou a falar pra gente ir embora. Mas não é assim tão fácil. Mas ele não tava nada bem e insistindo de ir. Não tava mais se entendendo tão bem com o irmão. O irmão dele queria palpitar em tudo. Então disse pra ele: vai você na frente que depois de uns quatro meses e vou.

E passou uns meses e não ia. Mudei de habitação pra ficar mais barato pra mim. Tô morando noutra habitação, num apartamento com mais gente, no mesmo bairro. Só que agora sozinha num quarto mais barato. Ele me liga sempre: às vezes até chorando. Diz pra mim no telefone: 'Vem embora! Tudo por causa desse maldito dinheiro! O menino ta sentindo a tua falta'. Não sei mais o que fazer. Minha patroa prometeu que se eu ficar ela regulariza todos os papéis pra mim.

To indo pro Brasil sem os "papéis" espanhóis [regularizados de trabalhadora estrangeira, para poder voltar]. A mulher do irmão do Carlos já foi até presa por isso. Foi pro Brasil, arrumou uns papéis falsos pro retorno, e quando voltou foi presa no aeroporto de Barajas. Ficou uns dias presas e deportaram ela pro Brasil. Uns meses depois voltou de novo, por Lisboa, entrou de trem [na Espanha] e hoje ta lá, trabalhando pra mesma patroa. Se tiver que ser assim, eu faço a mesma coisa. Mas o meu problema é que eu quero trazer o meu filho. Não sei. É muita coisa...

Quando desembarcamos em Guarulhos, entramos juntos na fila única dos guichês da polícia alfandegária. Estava pensativa. Observa que a fila dos guichês dos brasileiros é bem maior do que a dos estrangeiros. E, em voz alta, exclama:

Aqui continua a mesma coisa: os brasileiros são sempre os últimos! E os estrangeiros os primeiros! É por isso que quero voltar e chegar aqui estrangeira. Não quero mais trabalhar pra essa miséria, não!

Os que estavam próximos ouviram. Alguns riram, acrescentando outros comentários impacientes sobre estas filas em aeroportos. Lembro também que neste retorno, nesta mesma fila,



duas mulheres, aparentando cerca de trinta e quarenta anos, próximas de onde estávamos, conversavam sobre a situação de emprego para brasileiros na Espanha: uma delas afirmava que “para as mulheres ainda está bom” em oportunidades de trabalho, mas para os homens está cada vez pior em função da recessão. Pelos poucos volumes que carregavam e pelo desenrolar da conversa sobre emprego deduzi não estarem em viagem de turismo. Esta conversa que ouvi remeteu a outra que tive, na ocasião de minha primeira semana na Espanha, numa fila de caixa no Banco do Brasil em Madri. Na fila conheci um jovem de uma cidade do interior de São Paulo que está mais de quatro anos na Espanha trabalhando como eletricitista. Havia sido despedido há poucos dias e iria fazer um depósito da quantia que recebeu pela rescisão do contrato. Chegou com a esposa na Espanha, por influência da família dela, que já estava em Madri há cinco anos. A companheira também começou trabalhando como doméstica. Atualmente estão separados. Tinha todos os papéis legais para permanecer e trabalhar, mas tinha planos de logo voltar ao Brasil porque, segundo ele, estava muito difícil de conseguir um novo trabalho. Mas não pretendia “voltar de mãos vazias”, e fez referência a esta expressão como algo um pouco vergonhoso para ele em retornar “do mesmo jeito” que partiu: com pouco dinheiro.

Breves Considerações

Estes encontros constatarem como ocorrências episódicas reafirmam um fenômeno concreto: a migração internacional de trabalhadores, com foco as mulheres prestando serviços domésticos, oriundas de classes de baixo poder aquisitivo.¹⁹ No caso brasileiro, uma visível incidência mais recente, de não mais de uma década de uma personagem em específico: a “empregada doméstica de carreira”, porém, ainda pouco visível na literatura específica. O emblemático relato de Maria aponta para certa “agência feminina afetiva” para além das que focam as condições subalternas de trabalho – de constrangimentos cotidianos vividos diante das ambíguas políticas de imigração na Espanha, da “indocumentação”, das condições de discriminação de classe cultural e de renda, e de situações de trabalho “escravo” que muitas vezes são submetidas em outros contextos de migração, como, por exemplo, em alguns casos de prostituição.²⁰ A “aventura” internacional toma outras dimensões: de autonomia e na re-elaboração de papéis femininos tradicionais, da mulher “dona de casa”. Estas mulheres reafirmam sua função profissional de doméstica, constituindo lares transnacionais na

¹⁹ Das cifras oficiais reunidas de diferentes países, de 200 milhões de pessoas em migração estrangeira no mundo praticamente a metade é de mulheres, e boa parte executando serviços domésticos e em hotelaria (ROCA & LACOMBA, 2008).

²⁰ Sobre turismo sexual, mercado de matrimônios e prostituição internacional de brasileiras ver Piscitelli (2009, 2007).



condição de provedora em trânsito. Na Espanha, diante da crise, resta aos seus companheiros de origem a iminente dependência econômica, ou retorno ao Brasil, muitas vezes sem estas que se negam a voltar não só pela renda garantida no país de destino, mas por outros vínculos de afeto e gosto. A “aventura” que se iniciou como um projeto familiar, e que não deixará de ser, passa a ser um projeto mais consistente e articulado, agora com outras perspectivas de tomadas de decisão, de riscos, e, em alguns casos, de experiência de inversão num misto de subalternidade de condições de trabalho (o que não diferencia muito das condições de trabalho no país de origem) e protagonismo transnacional de gênero.²¹

Referências Bibliográficas

- ASSIS, Gláucia de Oliveira. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 15, n. 3, dez. 2007.
- BRITES, J. Afeto e desigualdade: gênero, geração e classe entre empregadas domésticas e seus empregadores. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 29, Dec. 2007.
- CACHÓN RODRÍGUEZ, L., En la ‘España inmigrante’: entre la fragilidad de los inmigrantes y las políticas de integración”, en **Papeles del CEIC**, vol. 2009/1, nº 45, CEIC (Centro de Estudios sobre la Identidad Colectiva), Universidad del País Vasco, <http://www.identidadcolectiva.es/pdf/45.pdf> (acessado em 04/02/2010)
- CASAS, L. O. Migración, género y hogares transnacionales. In: ROCA, J. G.; LOCOMBA, J. (eds.). **La inmigración en la sociedad española: una radiografía multidisciplinar**. Barcelona: edicions bellaterra, 2008.
- CEBRIÁN, J. A.; VÁZQUEZ, A. Demanda general de trabajo e inmigración laboral. **II Simposio Internacional de inmigración. Inmigración y desarrollo: las remesas**. Centro de Ciencias Humanas y Sociales, CSIC. Madrid, marzo/2008.
- GROSSI, M. P. Masculinidades: uma revisão teórica. **Antropologia em primeira mão / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social**, Universidade Federal de Santa Catarina. —, n.1 (1995)- Florianópolis : UFSC, 2004.
- OLIVEIRA, M. J. **ENTRE AMIGOS: antropologia da homosociabilidade masculina em camadas populares na periferia metropolitana da Grande Florianópolis**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.
- OLMOS, F. C. y (ed.). **La inmigración sale a la calle: comunicación y discursos políticos sobre el fenomenomigratório**. Barcelona: Icaria Editorial, 2008.

²¹ De certa forma, Piscitelli (2009, 2007) também trata da questão do protagonismo de gênero quando aborda sobre brasileiras que migram para atuarem na prostituição na Espanha. Sendo que não traçamos aqui paralelos com as profissionais domésticas na questão das singularidades de migração porque há distintos aspectos.



OSO CASAS, L. Migración, género y hogares transnacionales. In: ROCA, J. G.; LOCOMBA, J. (eds.). **La inmigración en la sociedad española: una radiografía multidisciplinar**. Barcelona: edicions bellaterra, 2008.

OSO, L. La migración hacia España de mujeres jefas de hogar. **Sociologia**. Set. 2000, no.33.

PÉREZ, V. G et al. España, encrucijada de la migración internacional. La aportación de las mujeres. In: ROCA, J. G.; LOCOMBA, J. (eds.). **La inmigración en la sociedad española: una radiografía multidisciplinar**. Barcelona: edicions bellaterra, 2008.

PERISTIANY, J. G. (org.). **Honra e Vergonha: valores das sociedades mediterrânicas**. 2 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971[1965].

PISCITELLI, A. Tránsitos: circulación de brasileñas en el ámbito de la transnacionalización de los mercados sexual y matrimonial. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 15, n. 31, June 2009 .

_____. Corporalidade em confronto: brasileiras na indústria do sexo na Espanha. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 22, n. 64, June 2007 .

PITT-RIVERS, J. Honra e Posição Social. In: PERISTIANY, J. G. (org.). **Honra e Vergonha: valores das sociedades mediterrânicas**. 2 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971[1965].

RIAL, C. S. Rúgbi e Judô: esporte e masculinidade. In: GROSSI, M. P.; PEDRO, J. M. (orgs.). **Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

ROCA, J. G.; LOCOMBA, J. (eds.). **La inmigración en la sociedad española: una radiografía multidisciplinar**. Barcelona: edicions bellaterra, 2008.

WOLF, E. Parentesco, Amizade e Relações Patrono-cliente em Sociedades Complexas. [1966]. In: FELDMAN-BIANCO, B.; LINS RIBEIRO. G. (orgs.). **Antropologia e Poder: contribuições de Eric R. Wolf**. [textos selecionados] São Paulo: IOESP/UNICAMPI, 2003.